

ST 13 - JORNADAS DE JUNHO: OS PROTESTOS DE 2013 NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA

Daniele Faenello *

Juliana Carolina da Silva **

Resumo: Essa pesquisa se propõe a questionar o papel dos veículos midiáticos nos protestos de junho de 2013, através de análise de reportagens veiculadas pela Revista Veja nos meses de junho e julho do mesmo ano. O objetivo do trabalho é demonstrar a influência da cobertura jornalística nas pautas das manifestações, através de seu posicionamento político. A análise demonstrou que, enquanto os protestos estavam sendo coordenados pelo Movimento Passe Livre, a revista procurou desqualificar as ações, caracterizando-as como baderna e exaltando o papel da polícia. A partir do momento em que houve uma maior comoção, em que brasileiros tomaram as ruas das principais capitais do país, mudou seu discurso e sua abordagem, utilizando imagens, editoriais, depoimentos e reportagens para dar um novo tom às manifestações.

Palavras-chave: Jornadas de junho; Revista Veja; História Política.

Introdução

A história recente do Brasil é permeada por ações de movimentos sociais e protestos populares. Durante os últimos anos, vimos diferentes segmentos ocupar as ruas e exigir direitos para as minorias. Dentre alguns que podemos destacar, estão as ações organizadas pelo *MST - Movimentos dos Trabalhadores Rurais sem Terra*, que por diversas vezes organizou protestos em favor da reforma agrária; a *Parada do Orgulho Gay*, a qual exige a garantia de direitos LGBT; a *Marcha das Mulheres* ou *Marcha das Vadias*, representando os movimentos feministas; protestos denunciando o preconceito racial; *Marcha da Maconha*, defendendo a regulamentação do uso e o cultivo da planta, entre outras. Porém, desde a *Diretas Já!*, em 1984, e as manifestações pelo impeachment de Fernando Collor de Mello, em 1992, a grande classe média não ia às ruas manifestar-se politicamente. Este cenário começou a mudar em 2013, após atos organizados Movimento Passe Livre – MPL.

O MPL foi criado durante o Fórum Social Mundial, em 2005, em Porto Alegre, e desde então vem organizando manifestações pelo fim da cobrança da tarifa no transporte público em diferentes lugares do país. Em 2013, organizou protestos contra o aumento da passagem de ônibus em São Paulo, que passaria de R\$ 3,00 para R\$3,20, no

* Mestranda em História, na Universidade Estadual de Maringá.

** Mestranda em História, na Universidade Estadual de Maringá.

entanto, foi duramente repreendido pela Polícia Militar. A comoção diante da violência policial fez com que milhares de pessoas fossem às ruas de São Paulo, e nos dias subsequentes às principais cidades do país. As bandeiras de luta aumentaram, havendo críticas a educação, saúde, segurança, política e condições de vida. Neste processo, tanto mídias sociais quanto as tradicionais participaram de forma direta ou indireta.

Embora muitos teóricos tenham observado o crescimento da área de influência política ligadas a mídias sociais, principalmente no que se refere a redes de compartilhamento de informações, este ensaio se propõe a questionar a influência da cobertura jornalística nas pautas das manifestações, através de seu posicionamento político.

O historiador do tempo presente e o jornalista

O estudo e análise destes acontecimentos foram imediatos tanto por parte de jornalistas, quanto de outros teóricos, como sociólogos e historiadores. No que se refere a historiografia, o estudo de novos movimentos sociais e protestos populares é uma tendência recente, inserida no contexto de história do tempo presente da Nova História Política, que foi discutida e teorizada pelos franceses da terceira geração dos Annales. No entanto, é possível afirmar que a história do tempo presente sempre existiu, todavia, agora com uma discussão teórica e metodológica muito mais aprofundada. É preciso lembrar ainda que esta forma de pesquisa é um conhecimento provisório, que está sujeito a alterações, revisões e correções, pois se reescreve constantemente. Neste contexto, o historiador do tempo presente deve estar sempre atento a mudanças e aos acontecimentos contemporâneos a ele, até porque, a sua pesquisa pode também vir a tornar-se fonte para trabalhos posteriores.

Entre os principais desafios enfrentados pelo historiador do tempo presente, talvez uma das principais seja a subjetividade, ou influência das ideias de nosso tempo. Lembremos que o historiador é filho de seu tempo, e, portanto, carrega impressões, vivências, interpretações e cultura política adquirida ao longo de sua vida. Por isso, Hobsbawm (1998) questiona, como escapar às suposições da época partilhadas pela maioria de nós? Para ele, é inevitável que "a experiência pessoal desses tempos modele a maneira como os vemos, e até a maneira como avaliamos a evidência à qual todos nós, não obstante nossas opiniões, devemos recorrer e apresentar" (p.246). Lacouture, no mesmo caminho, vê o historiador "ligado a seu tempo, à sua cultura, a seu meio

criador, ele exprimirá com certeza esse feixe de condicionamentos na orientação da sua pesquisa e na interpretação que dará". (1998, p.230). No entanto, Roger Chartier (1993, apud FERREIRA, 2000) não vê isto como um empecilho, pois acredita que a falta de distância pode ser um instrumento que auxilia o historiador a entender a realidade estudada, levando em consideração que ele deve ter um instrumental intelectual, afetivo e psíquico, capaz de fazê-lo enxergar além das superfícies.

Sobre outra ótica, para entendermos o papel do jornalista, precisamos refletir o meio em que está inserido. Taschner, em 1992, fez uma análise de conglomerados jornalísticos brasileiros, relacionando-os com a indústria cultural. Para ela, a ideia de indústria cultural está atrelada a um conjunto de empresas jornalísticas responsáveis por produzir e distribuir objetos culturais, visando a rentabilidade econômica. Estes complexos empresariais estariam, portanto, inseridos no contexto do capital, aplicando a lógica de divisão do trabalho, competindo entre si e transformando cultura em mercadoria. No entanto, para ela, a preocupação é que esses conglomerados tendencialmente agem de maneira semelhante, de forma a monopolizar um espaço que poderia ser de reflexão, mas que, ao contrário, sustentam um sistema que se limita a reprodução da realidade imediata e, por isso, ideológica:

Nessa perspectiva, a indústria cultural é vista como resultante e instrumento de um processo pelo qual a lógica da produção capitalista, originalmente sediada na área da chamada produção material, vai se expandindo e, ao fazer isso, subordina tendencialmente todas as dimensões da vida social. A indústria cultural se entrega à reprodução capitalista não só como um novo campo de investimentos, nem só como auxiliar da rotação de outros capitais (por mais da publicidade que a financia), mas também ajudando a tecer o véu, com as mensagens (e as que omite), mediante seu sistema onipresente. (TASCHNER, 1992, p.19).

Em outras palavras, a cultura é produzida, vendida e distribuída através de conglomerados jornalísticos, em uma lógica de venda e produção de mercadorias, e dessa forma, ao mesmo tempo em que se insere no modo de produção capitalista, o sustenta discursivamente por meio do monopólio de informação. Não podemos esquecer também que a publicidade foi responsável pelo crescimento e fortalecimento da indústria cultural, sendo hoje sua principal mantenedora. Silva (2011) complementa, e lembra que a elaboração discursiva também é responsável pela construção do "imaginário da nação e dos lugares de memória" (SILVA, 2011, p.10). Desse modo, textos, imagens e discursos reproduzidos pela imprensa tornam-se lembranças que

passam a constituir a memória histórica, sendo que a repercussão e a importância que se dá a um fato são substanciais para a composição dessa memória.

Essa dominação se dá através de produções simbólicas, em que o jornalista, sobre uma aparência de neutralidade e objetividade exerce dominação em uma espécie de jogo que ele mesmo construiu, compondo, por isso, um sistema político e ideológico. (Bourdieu, 1998).

No que se refere especificamente a produção de notícias, Albuquerque (1998) interpreta a parcialidade jornalística, especialmente na cobertura política, com apenas um objetivo, sustentar os interesses econômicos e políticos dos donos das empresas jornalísticas, ou seja, das elites. Ele nos alerta, porém, que é necessário fazer uma análise que vá além da econômica e política e observe os processos de produção, como a formação e a forma de trabalho dos jornalistas durante as produções das matérias. Para ele, é necessário estar atento a forma como as empresas jornalísticas entendem a sua função política e a maneira como elas atuam neste contexto, também é necessário atentar para o trabalho do jornalista, os limites impostos e as suas respectivas concepções de notícias; além disso, ele questiona a inexistência de um método que permita estabelecer a presença da manipulação jornalística ou não. (Albuquerque, 1998).

Para além dessas reflexões, Lacouture ainda faz uma comparação entre o trabalho de um jornalista e um historiador do imediato. Acredita que o jornalista segue uma modicidade de fontes, com raros cruzamentos. Enquanto o historiador é comparado a um jogador de cartas, com aptidão para prever alguns acontecimentos e, ainda, diante de uma mudança abrupta dos elementos do jogo, é capaz de reordenar as informações e dar prosseguimento ao jogo, ou a sua interpretação. Para entendermos melhor, utiliza uma metáfora: "O jornalista-camundongo rói gulosamente suas avelãs. O historiador - esquilo as acumula. O 'imediatista' acumula roendo." (LACOUTURE, 1998, p.231). O historiador, portanto, seria mais capaz de relatar os acontecimentos em sua realidade.

A revista

É preciso salientar, porém, que não pretendemos ignorar a importância da internet no decorrer desses protestos. Sabemos que a organização e divulgação dos movimentos se deram por meio de celulares conectados a internet, e que talvez a dimensão e proporcionalidade dos protestos fosse outro sem a participação de ativistas conectados à

redes sociais como Twitter, Facebook, blogs, Youtube e Instagram. Porém, devemos observar que uma parcela da mídia impressa e televisiva começou a dar mais espaço para repercussão dos protestos e da violência policial apenas após o dia 13, quando sete jornalistas foram feridos, entre eles Juliana Vallone, da Folha de São Paulo – TV Folha, atingida no olho direito por uma bala de borracha. Lembrando que neste dia aconteceram protestos simultaneamente em Natal, Porto Alegre, Santarém, Maceió, Rio de Janeiro, Sorocaba e São Paulo. O protesto de São Paulo, especificamente, reuniu cerca de 5 mil pessoas terminou com aproximadamente 300 pessoas presas, sendo que 100 delas foram detidas para averiguação (FERNANDES, 2013).

O dia 17 de junho, porém, foi o maior deles e pode ser considerado um marco. Por um lado, mídias tradicionais, principalmente de rádio e TV, transmitiam as cenas de violência sempre caracterizando os manifestantes como baderneiros, por outro, os protestos movimentaram aproximadamente 28 cidades e somaram mais de 300 mil participantes que compartilhavam mensagens nas redes sociais, desmentindo informações que eram veiculadas pelas redes de televisão. Também nessa mesma manifestação surgem os primeiros grupos antipartidários e críticos a políticas do governo federal. É partir deste dia que a mudança na abordagem e nos discursos midiáticos começa a aparecer.

Sobre os motivos que levaram o povo às ruas, Peruzzo (2013) sugere que tenha sido, indiretamente, contra o próprio modo de produção capitalista, pois criticou o abusos de preços, corrupção, o impacto econômico da copa no país, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), o aumento da passagem do transporte coletivo, figuras políticas, a mídia corporativa, e exigiu melhorias na educação, segurança, transporte, saúde e assistência social. Essa análise, porém, pode ser questionada, pois houve movimentos de direita que participaram dos protestos, onde a partir de um determinado momento os próprios manifestantes queimaram bandeiras de partidos políticos e hostilizaram participantes que eram abertamente de esquerda. Lembrando, que enquanto eram comandados pelo MPL, bandeiras eram permitidas desde que não tirassem o protagonismo do protesto e defendessem a pauta de tarifa zero.

Para esta pesquisa, foram utilizadas revistas em detrimento de jornais, pois enquanto jornais são marcados pela temporalidade e pelo imediato, revistas tem um tempo maior de observação, elaboração de notícias e criação de narrativas visuais através de imagens selecionadas e, muitas vezes, editadas. Nelas, é possível também realizar análises especificamente sobre suas capas, pois é onde o assunto que julgam

mais importante da semana é delimitado, sendo possível observar seus interesses através dos discursos e da diagramação. Para Vilas Boas, a revista pode

dispor de um tempo maior para informar, analisar e interpretar o fato, a revista semanal de informações não busca extremos de imparcialidade. Além do mais, a imparcialidade é um mito da imprensa diária. Um mesmo texto pode conter informação, análise, interpretação e ponto de vista. Outra característica da revista semanal de informações é assumir mais declaradamente o papel de formadora de opinião (Vilas Boas, 1996, p. 34).

A escolha pela Revista Veja se deve ao fato de ser uma das mais fortes e consolidadas no cenário jornalístico, além de fazer parte da Editora Abril, que possui um dos maiores partes gráficos da América Latina (SILVA, 2011). Para compor esta análise, foram observadas 3 revistas dos meses de junho e julho de 2013, sendo que as edições 2324 e 2325, de 5 e 12 de junho, respectivamente, não fazem qualquer menção aos protestos.

Edição 2326, de 19 de junho

Ao contrário das revistas anteriores, nesta edição os protestos do Movimento Passe Livre não só aparecem, como são assunto de capa. A manchete principal diz: “A revolta dos jovens: depois do preço das passagens, a vez da corrupção e da criminalidade?”, em um fundo escuro, com uma fotografia tirada à noite, provavelmente de uma fachada de loja ou de algum órgão público, em que a frase: “Contra o aumento” aparece pichada em suas portas. A sua frente, fogo e destruição. Em uma primeira análise já percebemos que a intenção aqui é transmitir uma imagem de caos e vandalismo. Para um leitor que está, ou não, por dentro do assunto, a interpretação gerada é que jovens estão revoltados com o preço das passagens de ônibus e por isso reagiram por meio do crime.

A segunda menção aos protestos aparece no índice, em que uma foto está em destaque, com a legenda “desordem e terror frequentes nas metrópoles brasileiras” (Veja, 2013, p.8 e 9). Na imagem, os manifestantes e fotógrafos estão sentados em meio a rua, um segurando flores, outro com os braços para o alto, em sinal de rendição, e a maioria tentando proteger-se da melhor forma possível, tapando os ouvidos ou encolhidos. A sua frente está o batalhão de choque da polícia militar atirando para o alto e em posição ofensiva. Apesar de a legenda apontar para o terror e a desordem, a fotografia a contradiz, pois mostra jovens acudados e a polícia em posição de ataque.

O editorial anuncia: “Eles querem dizer alguma coisa”, e questiona: “O que querem os jovens brasileiros que estão vandalizando as ruas a pretexto de lutar contra o aumento de 20 centavos nas passagens urbanas” (Veja, 2013, p.12). Recheado de sarcasmo, o texto compara os jovens aos que integraram o movimento Ocupe Wall Street, em 2011, afirma que os grupos são compostos pela classe média e rica e que muitos não andam de ônibus, mas que protestavam em nome de suas empregadas domésticas. E para finalizar, afirma que “sobre força e falta sabedoria” (Veja, 2013, p.12).

A reportagem principal totaliza nove páginas, com imagens de protestos em quatro capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia e Porto Alegre e trechos com entrevistas de manifestantes que estavam nos protestos do dia 13, quinta-feira. A reportagem evidencia o alto número de presos em confronto com a polícia, maior desde o período da ditadura militar, e de imediato analisa: “Há uma grande chance de que boa parte da rapaziada que, na semana passada, foi às ruas esteja apenas dando vazão às pressões hormonais pelo exercício do socialismo revolucionário” (Veja, 2013, p.86). Explica que os protestos começaram com a organização do MPL “um grupo nanico criado por estudantes de São Paulo”, que defendem a “estatização das empresas de transporte e a gratuidade das passagens” (Veja, 2013, p.86) composto principalmente por estudantes da USP, filhos de classe média e alta:

Mas essa minoria interessa pouco. Ela sempre será minoria, por definição – ou alguém acha viável um país em que a maioria dos cidadãos quebra tudo a sua volta, dia sim, dia não? O fenômeno realmente espantoso ocorrido na semana passada no Brasil foi o fato de às minorias terem se juntado milhares de rapazes e moças que tinham tudo pra estar no cinema, no shopping ou na balada, e não engrossando as fileiras das minorias de vândalos profissionais. A tentação maior é rotulá-los de rebeldes sem causa, bem ao estilo do personagem da música dos anos 80 do grupo Ultraje a Rigor. (Veja, 2013, p.88)

Após estereotipar os manifestantes e evidenciar a prática da violência como tática de protesto, a reportagem observa que os jovens, afinal, querem dizer alguma coisa e precisam ser ouvidos, mas que o verdadeiro problema seria a ausência de partidos e programas que os empolguem, pois isso sim daria uma saudável interpretação de que o mundo não é perfeito, e que a melhor forma de consertá-lo é através da prática política e do voto, como se manifestações não representassem uma prática política.

Na mesma reportagem são utilizadas 18 fotografias dos protestos das quatro capitais, seis delas mostram imagens de manifestantes empunhando cartazes, a legenda dizia que as frases eram contra a polícia e políticos de todos os partidos; cinco ilustram

pessoas que participavam dos protestos, sendo que duas delas apresentam nome, um histórico de protestos anterior e o sua intenção ao participar do ato; quatro demonstravam o que a revista classificou como “vandalismo”, sendo imagens de fogo e pichações; duas são panorâmicas e duas apontam a “reação agressiva” dos policiais aos ataques de “radicais insuflados por partidos de esquerda”, (Veja, 2013, p.92).

Dessa forma, esta primeira edição evidenciou aspectos negativos dos protestos, ironizando a causa defendida pelos jovens que a compuseram e, de forma implícita, justificando a violência com que os policiais atacaram os manifestantes.

Edição 2327, de 26 de junho

Após uma semana, a Revista Veja muda completamente a abordagem e o discurso com relação aos protestos. Esta transfiguração já pode ser observada através da capa, onde aparecem no topo, acima do cabeçalho e em destaque as palavras: “Edição Histórica”, no mesmo lugar onde costumeiramente a revista posiciona outros destaques. Desta vez, porém o tema é um só, demonstrado pela manchete: “Os sete dias que mudaram o Brasil”, e ilustrado pela fotografia de uma jovem que tem às costas protegidas por uma bandeira do Brasil e caminha pela rua em meio aos protestos. O fundo, desfocado, imagens de fogo e muita luz, dando um tom de esperança. O índice, no mesmo clima de edição especial, tem ao fundo uma imagem que toma as duas páginas, mostrando os manifestantes que tomaram o Congresso Nacional, dia 20 de junho. A revista dedica 31 páginas ao assunto, abordando as reações da presidente Dilma Rousseff; alguns assuntos que seriam pauta das manifestações, como a PEC 37, a Copa do Mundo de 2014 e a alta tarifa do transporte público. Além desses, são discutidas as ações de “vândalos” e do Movimento Passe Livre.

A reportagem principal, cujo título é o mesmo da capa, inicia com o seguinte trecho:

Quando se espalhou por São Paulo um protesto contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu que a coisa era bem maior. Tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira. Todos os parâmetros comparativos anteriores, como Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto entre os representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem muito mal representados, de outro. A presidente acuada, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a frágil passarela do Palácio Itamaraty criaram outro sentimento estupefacente: é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem e os caos. (Veja, 2013, p.61)

Ou seja, se a edição anterior caracterizava os jovens como rebeldes sem causa, esta outra faz uma nova interpretação das manifestações, com um tom profético e apaixonado. Na reportagem principal, salienta em tom comemorativo que os “esquerdistas” tentaram tomar o protagonismo das passeatas, mas que foram “emparedados”: “Os esquerdistas tiveram que ouvir um dos mais elegantes xingamentos da história mundial das manifestações: ‘Oportunistas, oportunistas’” (Veja, 2013, p.63), numa referência a confusão entre manifestantes de esquerda, que, apesar de compor a base dos movimentos sociais, inclusive do MPL, foram expulsos dos protestos e impedidos de empunhar bandeiras de partidos.

Ao longo das páginas, são reunidos 119 pequenos depoimentos e fotografias de pessoas que participaram dos protestos, em que transmitiam mensagens ou justificativas para participarem dos protestos. Além disso, a reportagem divulga uma pesquisa realizada pelo Departamento de Inteligência e Pesquisa de Mercado Abril que mostra que a principal bandeira dos protestos era a corrupção, manifestado por 53% dos entrevistados, em segundo lugar a PEC 37, 49%, e em terceiro e quarto, pela melhoria em educação, 45% e saúde, 38%. Mostra também que entre os partidos “condenados” pelos manifestantes, 33% eram contra o PT, 4% contra o PSDB, enquanto 58% se declaram contra todos os partidos políticos, por não se sentirem representados. Há, ainda, um indício sobre o perfil dos entrevistados, onde mais de 50% era composto por brasileiros de 40 anos ou mais, sendo que 84% pertenciam as classes A ou B.

Como já é característica das reportagens veiculadas na Veja, os textos sobre os protestos são repletos de ironias e sarcasmos direcionados aos “bolcheviques” e “esquerdistas”. O que ficou evidente é que as ruas abrigaram “multidões de libertários independentes não ideológicos cansados de corrupção e descaso” (Veja, 2013, p.67), cuja principal bandeira era a corrupção do Partido dos Trabalhadores, além de outras relacionadas ao governo federal, como os gastos exacerbados com a Copa e a PEC 37.

Outro assunto abordado é o das empresas de ônibus e como eles financiam campanhas políticas para manter sua concessão, sendo essa uma denúncia antiga do MPL. Trata-se de empresários que financiam campanhas de candidatos a prefeitos de um ou mais partidos e em troca, quando eleitos, contratam o serviço dessas empresas após processos de licitação fraudulentos. O resultado é o enriquecimento das empresas enquanto utilizam ônibus velhos e superlotados, com uma tarifa muito além do que seria necessário para manter o funcionamento do sistema. É interessante notar que em uma

reportagem anterior, Veja questiona como seria possível baixar o valor das tarifas, se o custo da manutenção aumentou, questionando quem pagaria pela perda da receita, porém, nas páginas seguintes dá a resposta, desmontando os esquemas das empresas de ônibus.

As últimas páginas são reservadas a “desvendar” quem são os arruaceiros e os vândalos que aproveitaram as manifestações para “incitar o quebra-quebra”, diferenciando assim movimentos legítimos de ilegítimos, os ideais, dos oportunistas. Por fim, um texto com tom de escárnio sobre os integrantes do Passe Livre, que “deleitam-se com a fama” enquanto definem “sua próxima causa” (Veja, 2013, p.91).

Edição 2328, de 3 de julho

Após a mudança discursiva, a Revista Veja segue a mesma linha interpretativa e passa a questionar as medidas apresentadas pela ex-presidente Dilma, principalmente no que se refere a proposta de um plebiscito que definiria os rumos para uma possível reforma política. A imagem da capa é uma composição gráfica, que mostra Palácio do Planalto na beira de um penhasco, enquanto do outro lado a multidão pressiona através de protestos. A manchete indaga: “Então é no grito? Os governos e o Congresso correram para atender os manifestantes. Isso mostra que a pressão popular funciona. Mas as ruas não podem substituir as instituições”. A frase refere-se ao plebiscito, onde a revista, em editorial, posiciona-se claramente contra, afirmando que seria um golpe do Partido dos Trabalhadores. Para eles, o plebiscito seria uma forma de jogar as decisões de coisas complexas para as pessoas, sendo que isso deveria ser uma decisão institucional, além disso, a principal bandeira dos protestos teria sido o fim da corrupção e para que isso acontecesse, não poderia depender do conhecimento popular sobre as instituições.

Nesta edição, as páginas amarelas, tradicionalmente compostas por entrevistas, trazem um personagem que teria sido um dos líderes dos protestos no Rio de Janeiro. Maycon Freitas, na época com 31 anos, fundou a União Contra a Corrupção, UCC, e se dizia contra a atuação de todos os partidos políticos. O entrevistado faz críticas ao sistema político, a corrupção, a violência dos protestos, ao programa Mais Médicos e a ex-presidente Dilma Rousseff.

De modo geral, as 28 páginas que compõe a reportagem principal, incentivam os protestos e dizem que eles já deram resultados, já que a PEC 37 foi derrubada pelo

legislativo e a corrupção passou a ser crime hediondo. Também ressalta que o maior desgaste coube a presidente por tentar convocar uma constituinte, estratégia que foi chamada de totalitária e comparada a Venezuela. Nesse contexto, quem teria saído fortalecido seria o Congresso, por ter votado as medidas e escutado a voz que veio das ruas, enquanto Dilma enfrentaria seu pior momento desde as eleições, com “sinais perturbadores” na economia, inflação aumentada e o crescimento diminuindo. Enquanto seus possíveis adversários políticos, Marina Silva e Aécio Neves, viam sua popularidade crescendo.

A partir da segunda semana de julho os movimentos começam a enfraquecer e sair das ruas, por isso as edições seguintes da revista, embora continuem falando em nome dos brasileiros que estavam nos protestos, tem seu foco voltado para a tradicional análise política.

Conclusão

Entender a dinâmica dos protestos, a heterogeneidade das bandeiras e dos sujeitos que os compuseram, sua dimensão e consequências para a política nacional ainda é um desafio que precisa ser enfrentado por teóricos. No entanto, esse mesmo cuidado mantido por historiadores, sociólogos, cientistas políticos e demais intelectuais não é o mesmo que dos jornalistas que compõe a Revista Veja. O que se observou foram reportagens com análises superficiais, mas cheias de certezas, pois enquanto todos estavam tentando entender o que estava acontecendo, Veja já tinha todas as respostas. Em uma análise de Mário Maestri:

[...] a grande mídia procurou redirecionar sua retórica, devido ao caráter fluvial e apoio geral da população às demonstrações de rua. Por um lado, procurou influenciar politicamente o movimento, apresentando-o como anti-político, anticorrupção, anti-esquerda, diluindo suas reivindicações materiais - passagem, saúde, educação. Por outro, dividiu os manifestantes em bons e maus e as manifestações em positivas (aceitáveis) e negativas (abomináveis). Tudo segundo os padrões maniqueístas das narrativas televisivas triviais. Uma divisão com objetivos estratégicos. A mídia apresentou as manifestações positivas como constituídas por cidadãos conscientes, e as negativas, por baderneiros, depredadores, anarquistas, arruaceiros. (...) Nas manifestações de junho e nas mobilizações sucessivas, raramente os repórteres aproximavam-se dos manifestantes para ouvir seus pontos de vista, enquanto eram regularmente entrevistados representantes das forças policiais ou comentando os danos causados pelos baderneiros. Os depoentes enquadrados eram e são quase essencialmente os que corroboravam os conteúdos conservadores propostos pela mídia para as mobilizações. A apresentação de um comentário se fixa como a opinião geral, ainda mais quando são diversos depoentes. (MAESTRI, 2013).

Assim, pudemos observar que houve uma alteração discursiva na cobertura dos protestos de 2013. Quando coordenado pelo Movimento Passe Livre, as matérias eram em tom de escárnio e os participantes foram ridicularizados. Para a Veja, protestar contra o aumento da tarifa da passagem de ônibus em 20 centavos era injustificável, pois haveriam causas mais importantes que deveriam ser questionadas. Além disso, a ação dos policiais foi interpretada como uma reação a violência dos protestos, e, por isso, justificável. As ações organizadas pelo MPL, portanto eram ilegítimas.

Ao perceber que as manifestações inundaram as redes sociais e se espalharas pelas cidades do país, a revista adotou uma postura de mudança no discurso. A análise demonstrou que imagens, editoriais, reportagens e depoimentos foram utilizados para diagnosticar e justificar os protestos, de forma a orientar que bandeiras deveriam ser defendidas. A pergunta que fica é, até que ponto as mídias tradicionais conseguiram influenciar as manifestações?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Afonso. Manipulação editorial e produção da notícia: dois paradigmas da análise da cobertura jornalística da política. In: RUBIM; BENTZ; PINTO (org.). **Produção e recepção dos sentidos midiáticos**. Rio de Janeiro; Petrópolis : Vozes, 1998.

ALMEIDA, Fábio C. **O historiador e as fontes digitais**: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Revista do Corpo Discente do PPG - História do UFRGS, Porto Alegre, v. 3, n .8, p. 9-30, jan./jun. 2011.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. P. 349-363.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CALDEIRA NETO, Odilon. **Breves reflexões sobre o uso da internet em pesquisas historiográficas**. In: Boletim Tempo Presente (UFRJ), v.20, p.01-10, 2009.

CHARTIER. Roger. **A visão do historiador modernista**. In FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). Usos e abusos da história oral, FGV, 1998.

DELGADO, Lucília; FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 61-90.

FERNANDES, Edson. **Protesta Brasil**: das redes sociais às manifestações de rua. São Paulo: Prata Editora, 2013.

GOHN, M. G; BRINGEL, B M. **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HOBBSBAWM, Eric. **O presente como história**. Sobre a História. São Paulo: Cia das Letras 1998.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In LE GOFF, J. (org) **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.215-240.

MAESTRI, M. **Black Bloc, a Mídia, o Estado, a Violência**: a deslegitimação das mobilizações populares. Disponível em: http://port.pravda.ru/cplp/brasil/15-10-2013/35425-black_bloc-0/ 15 out 2013 Acesso em: 26 fev 2014.

SILVA, Ana Cristina Teodoro. **Temporalidades em imagens de imprensa**: capas de revistas como signos de olhares contemporâneos. Maringá: Eduem, 2011.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento**: Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VILAS BOAS, Sérgio. 1996. **O estilo magazine**. São Paulo: Summus.